

GRUPOS DE PESQUISA E CONTRIBUIÇÕES PARA FORMAÇÃO DOCENTE NA PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*

Ana Lucia Paranhos de Jesus¹
Samira Souza Feitosa²
Tânia Maria Hetkowski³
Josemeire Machado Dias⁴

RESUMO

O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa desenvolvida com estudantes da pós-graduação *stricto sensu*, na modalidade mestrado e doutorado, e objetivou identificar o papel dos Grupos de Pesquisa para formação docentes dos estudantes da pós-graduação. A investigação pretendida é motivada pela importância dos Grupos de Pesquisa, no âmbito das Universidades, e da formação do indivíduo, por criar um grande impacto social. Desta forma, nossa problemática situa-se em torno dos Grupos de Pesquisa, onde estes são entendidos como fator que contribui na formação dos estudantes de Pós-graduação. A metodologia desta pesquisa tem uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória, a partir da análise documental e aplicação de questionário. Para auxiliar nas discussões sobre a importância da pesquisa na pós-graduação *stricto sensu* e as contribuições do grupo de pesquisa no fortalecimento dessas ações, realizamos um estudo bibliográfico com autores como Gatti (2002), Hetkowski (2016), Severino (2008) e base de dados da CAPES e CNPQ. Nossos resultados reforçam a importância e necessidade do fortalecimento dos Grupos de Pesquisa para a formação docente continuada e seu papel fundamental na consolidação da Pós-Graduação *stricto sensu*.

Palavras-chave: Grupos de pesquisa, Pós-graduação *stricto sensu*, Formação docente.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a pesquisa científica teve sua importância social ampliada a partir da implantação de programas de pós-graduação, tornando-se um dos principais pilares que fundamentam a atuação das universidades. Essa importância é histórica, a julgar pelo Parecer nº 977/1965 (Parecer Sucupira), do Conselho Federal de Educação (CFE), o qual recomenda a institucionalização da Pós-graduação, visando estimular o desenvolvimento da pesquisa científica por meio da preparação adequada dos docentes pesquisadores.

¹ Mestranda em Educação, do Programa Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, almota@uneb.br;

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação – GESTEC da Universidade do Estado da Bahia - UNEB; samfeitosa@hotmail.com;

³ Pós-Doutora em Informática na Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – RS. Professora titular da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, taniah@uneb.br;

⁴ Doutora em Educação e Contemporaneidade pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc. Professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, jmdias@uneb.br.

Neste cenário, destacamos que os docentes, muitos deles estudantes dos cursos de Pós-graduação *stricto sensu*, se organizam em Grupos de Pesquisa visando o fortalecimento dessa produção científica. Esses Grupos se constituem como um indicador de grande importância para a formação continuada.

Na base de dados do Diretório CNPq observamos que, em 2016, o Brasil apresentou um total de 37.640 Grupos de Pesquisa, com participação de 341.308 estudantes, em média 10,8 estudantes por Grupo, número que vem apresentando um crescimento desde 2000. Um percentual de aproximadamente 46%, deste total de estudantes, é oriundo dos Programas de Mestrados e Doutorados. Dados, dentre os quais, reforçam a importância da realização da presente pesquisa.

Neste contexto, a presente pesquisa tem como objetivo, identificar o papel dos Grupos de Pesquisa na formação dos estudantes da pós-graduação *stricto sensu* e suas contribuições para formação docente.

METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa tem uma abordagem qualitativa de natureza exploratória, uma vez que busca verificar o papel do Grupo de Pesquisa no processo formativo dos estudantes da pós-graduação *stricto sensu*. Tem-se o intuito de levantar informações relevantes, assim como as principais contribuições dos Grupos de Pesquisa para esses estudantes, ampliando assim o conhecimento sobre o tema em estudo. A fim de alcançar os objetivos específicos deste trabalho faremos uma pesquisa descritiva, que segundo Oliveira:

É um processo que se inicia desde a disposição inicial de se escolher um determinado tema para pesquisa até a análise dos dados com as recomendações para a minimização ou solução do problema pesquisado. Portanto, metodologia é um processo que engloba um conjunto de métodos e técnicas para ensinar, analisar, conhecer a realidade e produzir novos conhecimentos (OLIVEIRA, 2008, p. 43).

Para a definição e elaboração dos instrumentos de coleta de dados, inicialmente realizou-se uma análise documental, mediante consultas a fontes direta ou indiretamente relacionadas ao tema a ser tratado. Nesses termos, os documentos foram concebidos conforme esclarece Flick:

Os documentos não são somente uma simples representação dos fatos ou da realidade. Alguém (ou uma instituição) os produziu visando a algum objetivo (prático) e a algum tipo de uso (o que também inclui a definição sobre a quem está destinado o acesso a esses dados). Ao decidir-se pela utilização de documentos em um estudo, deve-se sempre vê-los como meio de comunicação (FLICK, 2009, p. 232).

Nesta abordagem “os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 16). Por isso, a pesquisa qualitativa permite ao pesquisador, a partir das falas/ditos dos sujeitos, elucidar os aspectos relevantes para análise e interpretação dos dados acerca da realidade em estudo.

Assim, os documentos utilizados na análise documental foram escolhidos por contribuírem com os objetivos da pesquisa e depois foi ampliada para disponibilização de um questionário para os estudantes da pós-graduação *stricto sensu* da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), assim como observação (direta e participante), uma vez que as pesquisadoras compõem um grupo de pesquisa da UNEB e o quadro de funcionários da pós-graduação da instituição pesquisada.

Pois, como afirma Triviños (2013, p. 128) “a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto”. Por isso, para que possamos compreender a importância dos grupos de pesquisa para formação docente, proporcionado aos estudantes da pós-graduação, discutiremos os achados obtidos nas narrativas com base nos estudos teóricos apresentados.

O CENÁRIO DA PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL

Falar da pós-graduação no Brasil é percorrer pelos caminhos da pesquisa e surgimento dos programas de pós-graduação *stricto sensu*.

Assim, a pesquisa no contexto contemporâneo, constitui-se como a raiz da consciência crítica e questionadora para o desenvolvimento em várias esferas da sociedade, seja tecnológica, educacional, social, econômica, política e administrativa do país, visto que é através da pesquisa que se tem acesso às bases para identificar possíveis aspectos para mudança, transformação e avanço social, assim como, detectar os problemas existentes para se pensar a viabilidade de soluções para os mais variados contextos.

Na primeira metade do século XX, essas pesquisas são impulsionadas com o surgimento da Antropologia, que busca compreender o homem dentro do seu contexto sociocultural e a partir disso surgem novas disciplinas científicas como: a História, Sociologia, Antropologia e Educação, consolidando-se como novos campos de investigação científica. Assim, a pesquisa científica expande-se e, graças aos crescentes recursos dos fundos públicos, se torna um programa político dos países desenvolvidos e, em alguns casos, uma proposta fundamental para o desenvolvimento e implantação de ações governamentais.

Neste contexto, criam-se institutos e centros de pesquisa que fomentem estudos na área de pesquisa aplicada, inclinado para questões estruturalistas, pós-estruturalista e pós-modernistas. Desta forma, a década de 90 em diante é marcada pela globalização e a ascensão de propostas e programas oriundos de práticas de pesquisa, que validam intervenções e ações necessárias à consolidação da política de pós-graduação.

Na mesma direção, Gatti (2002) apresenta sua preocupação com as questões relativas às pesquisas educacionais que são desenvolvidas no Brasil desde os primórdios do século XX e retoma a história ao mencionar a criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP, em 1937, quando as questões relacionadas propriamente à Educação, começam a desenvolver-se e a criar um espaço específico de produção, formação e estímulo às investigações na área.

Mas, foi após a implementação de programas de pós-graduação *stricto sensu*, no final da década de 60, que se acelerou o desenvolvimento da pesquisa educacional no País, no qual a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), assume novas atribuições e meios orçamentários para multiplicar suas ações e intervir na qualificação do corpo docente das universidades brasileiras e expandir a pós-graduação, como órgão responsável pela elaboração do Plano Nacional de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do país. (CAPES, 2008).

Desta forma, até meados de 90, os cursos de pós-graduação na modalidade acadêmica tomam espaços nas Instituições, conforme reconhece sua primeira portaria nº 977/65 que aprova os Cursos de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, contudo, apenas a modalidade acadêmica vigora em funcionamento.

Em 1990, começa a ser discutido na CAPES, a possibilidade de implantação de Mestrados Profissionais - MP no país, com o objetivo de qualificar profissionais e o desenvolvimento de pesquisas aplicadas para resoluções de problemas ou práticas inovadoras. Em 1998, com a publicação da Portaria CAPES 080/1998, o país reconhece os Programas de natureza profissional em nível de mestrado; e, em 2017, avançamos com a publicação da Portaria 060/2019, que dispõe sobre o mestrado e o doutorado profissional.

Os programas na modalidade profissional, estão em grande expansão, tendo em vista que essa modalidade tem por preferência que os discentes atuem no próprio lócus de atuação profissional e proponham pesquisas de intervenção/aplicadas que:

[...] têm como escopo a delimitação e a relevância de situações específicas e potenciais de aplicabilidade, ou seja quanto mais definido o objeto de pesquisa, o lócus, os sujeitos e a metodologia de intervenção, melhor a qualificação do trabalho e das possibilidades de utilização dos conhecimentos em ações e, consequentemente, os resultados (HETKOWSKI, 2016, p.11).

Portanto, é nesse cenário que a Universidade está inserida e sendo impulsionada a proporcionar a pesquisa como uma atividade cotidiana, uma atitude, “um questionamento sistemático crítico e criativo, mais a intervenção competente na realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático” (DEMO, 2011, p. 34).

O PAPEL DO GRUPO DE PESQUISA PARA FORMAÇÃO DO DOCENTE PESQUISADOR

Na pós-graduação há a necessidade de associar pesquisa e formação como um compromisso para o desenvolvimento intelectual, científico e cultural dos profissionais em formação, pelo fato de assim possibilitar aos alunos investigar a própria prática como forma de avanço e amadurecimento intelectual, questionando o seu agir como docente, tornando-o sujeito pesquisador de sua própria ação, desenvolvendo a crítica ideológica sobre o seu fazer educativo.

Percebemos, portanto, que este alcance na Universidade, sobretudo na área de Educação, nem sempre foi discutido e refletido como ora se faz atualmente. As discussões em torno da formação com/pela pesquisa têm se constituído como parte integrante da *práxis* na docência no ensino superior, pois a pesquisa implica em inquietações e indagações acerca de diversas temáticas observadas e apreendidas nos espaços em que se atua, dos quais emergem problemas provenientes de diferentes fatores que potencializam inúmeras possibilidades de estudo.

As universidades se caracterizam como um espaço produtor de conhecimento, sendo os grupos de pesquisa um dos responsáveis por essa produção que vem potencializar as discussões em torno de temas demandados pela sociedade, os quais podem se organizar em torno de linhas de pesquisa, estudos científicos, embasadas em orientações teóricas e metodológicas em um dado contexto ou realidade, cujos resultados mantêm afinidades entre si (CNPq, 2019). A criação de grupos de pesquisa tem sido incentivada por órgãos de fomento à pesquisa e, pelas universidades, pois contribui para uma formação multidisciplinar, onde pesquisadores, docentes, alunos de graduação e pós-graduação, participam de diálogos sobre diversos temas de interesse para sua pesquisa, que possibilita um novo olhar crítico e autônomo. Além do mais:

[...] além de espaços de formação de pesquisadores, os grupos de pesquisa podem ajudar a consolidar linhas de pesquisa, a aprofundar a fundamentação teórica dos trabalhos e a reduzir as fragilidades metodológicas tão frequentes nos estudos da área. O trabalho conjunto de pessoas com formações diferenciadas, perspectivas teórico-metodológicas e experiências variadas pode contribuir para o melhor

delineamento do perfil do curso e para o fortalecimento da pesquisa em educação (ANDRÉ, 2007, p. 50-51).

Farias e Antunes (2009, p. 5), destacam que os grupos de pesquisa: “[...] possuem, em sua essência, o objetivo de colocar em convívio pessoas diferentes, pensamentos divergentes, realidades distintas, histórias de vida singulares, no sentido de que estas diferenças resultem no crescimento dos indivíduos enquanto grupo”.

Diante da perspectiva de esforço realizado por pesquisadores no sentido de promover a colaboração entre os pares na comunidade científica, os Grupos de Pesquisa (GP) se inserem como instâncias indutoras para a formação de redes, desenvolvimento de linhas de pesquisa e formação de recursos humanos. Por isso, a formação e consolidação de grupos de pesquisa têm sido uma das diretrizes das políticas das IES que tem se constituído como espaço formativo de construção de conhecimento que, ao longo do tempo, transformam-se em núcleos de excelência tanto para a IES quanto para a própria sociedade. Para além disso, o grupo de pesquisa tem a função de contribuir com a formação e qualificação dos profissionais que neles estão inseridos, construindo premissas adequadas a cada realidade em que estes profissionais atuam.

A relevância dos GP ocorre também no que se diz respeito ao trabalho colaborativo. Este trabalho que é desenvolvido dentro dos GP promove a autonomia do pesquisador, uma vez que o estudo teórico, a discussão sobre temas relevantes ao grupo e o debate sobre as distintas práticas dos pesquisadores geram aprendizagens e um envolvimento maior com o próprio grupo.

Pois, se pensamos grupo como um ambiente de trabalho coletivo que agrega diferentes pessoas com interesses comuns, os GP se tornam esse espaço colaborativo e de trabalho em equipe que possibilita não só o desenvolvimento pessoal, mas também profissional e social.

Segundo o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP/CNPq), vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), GP é definido como um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente em torno de uma ou, eventualmente, duas lideranças: cujo fundamento organizador dessa hierarquia é a experiência, o destaque e a liderança no terreno científico ou tecnológico; no qual existe envolvimento profissional e permanente com a atividade de pesquisa; cujo trabalho se organiza em torno de linhas comuns de pesquisa que subordinam-se ao grupo.

Corroborando Maximino e Liberman (2015, p. 44), ao afirmar que o grupo é um espaço privilegiado de aprendizagem e que aprender neste contexto significa “abrir-se para a construção coletiva e a leitura crítica da realidade – o grupo cria uma interdependência no compartilhamento de tarefas e passa a aprender a planejar e colaborar”.

Deste modo, se mostra importante entender como os Grupos de Pesquisa contribuem para a formação docente, tanto dos estudantes como dos próprios pesquisadores, visto que, sua relação vem crescendo no espaço nacional das Instituições e no desenvolvimento tecnológico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Grupo de Pesquisa (GP) tem como objetivo desenvolver pesquisa científica para além das discussões em torno de uma ou mais linhas de pesquisa de uma área do conhecimento, onde pesquisadores e estudantes se organizam nesse processo de construção do conhecimento, contribuindo com reflexões amplas e de forma integrada.

Aplicamos um questionário, via Google Doc, para estudantes do Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologia Aplicadas à Educação, com nove questões, sendo elas: a) sexo; b) Qual o seu grupo de pesquisa?; c) Qual IES seu grupo de pesquisa é vinculado?; d) O grupo de pesquisa contribuiu para sua inserção na pós-graduação?; e) Sua escrita acadêmica aperfeiçoou após inserção no grupo de pesquisa?; f) Tempo de participação no grupo de pesquisa?; g) Quais atividades já realizou no grupo de pesquisa?; h) Qual/Quais mudança (s) o grupo de pesquisa trouxe para sua vida acadêmica?; i) Quais motivos levaram você a ingressar e permanecer no grupo de pesquisa?

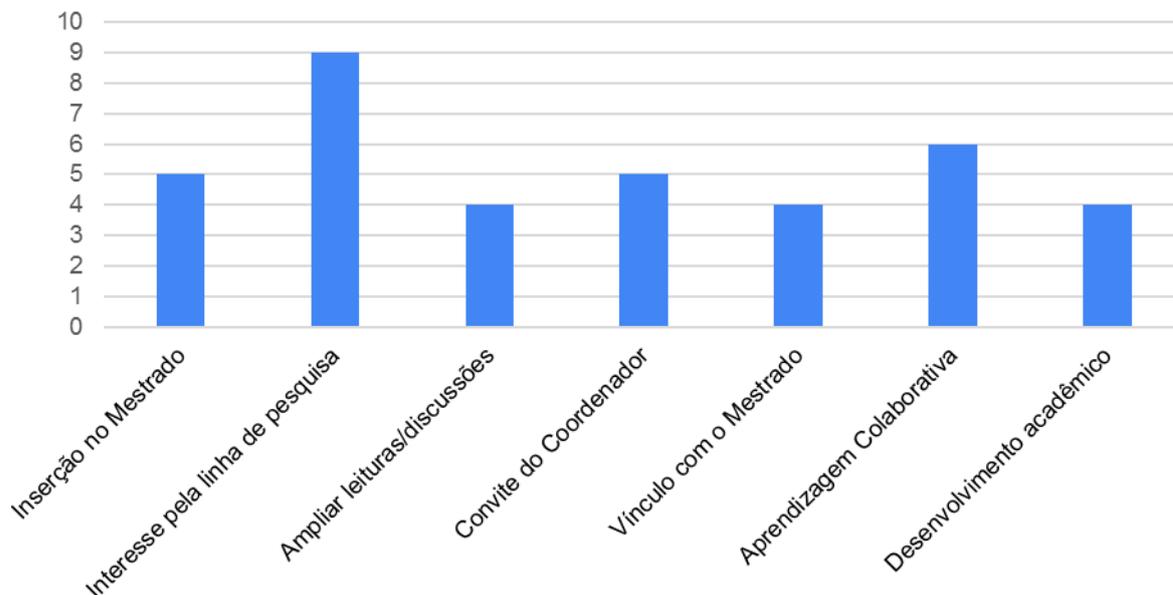
A partir da resposta de 37 sujeitos que responderam ao questionário, sendo 22 estudantes do sexo feminino e 15 do sexo masculino, e a maioria (aproximadamente 92%) pertencente a Universidade do Estado da Bahia, os dados obtidos e analisados abaixo demonstram a importância do grupo de pesquisa para formação continuada desses sujeitos, estudantes da pós-graduação.

No levantamento dos dados 62% dos estudantes informaram que sua participação no grupo de pesquisa contribuiu para sua inserção na pós-graduação *stricto sensu*, pois a participação em um GP não está atrelada ao vínculo acadêmico e profissional dos participantes. A participação é aberta para todos que desejem pesquisar sobre a linha de pesquisa, no qual o grupo está vinculado e essa participação contribui para o amadurecimento científico e bases estruturantes para seleção dos programas de pós-graduação.

Bem como, 38% não vinculou sua inserção na pós-graduação ao grupo de pesquisa, pois não é uma obrigatoriedade para inserção nos Programas, contudo este item está presente nos baremas de algumas seleções, assim como sua obrigatoriedade se faz necessária, após aprovação no Programa.

No gráfico 01 abaixo veremos alguns motivos relatados pelos sujeitos respondentes do questionário que os levaram a ingressar em um grupo de pesquisa.

Gráfico 01 – Motivos para o ingresso em um grupo de pesquisa



Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

Dentre os motivos informados no gráfico acima, verificamos que o interesse pela linha de pesquisa do GP foi fator importante para inserção dos pesquisados, pois se torna um espaço de amadurecimento e incentivo profissional a partir do envolvimento dos integrantes do grupo com a temática em estudo e fortalece o desenvolvimento de novas pesquisas que contribuem para inserção no mestrado, outro fato que apareceu no resultado desta pesquisa como ponto de interesse para participação no GP. Assim, alguns integrantes ingressaram no grupo com o objetivo de desenvolver pesquisas e produzir conhecimento na área, e outros têm o grupo como uma atividade formativa da pós-graduação.

O desenvolvimento acadêmico, aprendizagem colaborativa, possibilidade de discussões e ampliação das leituras acadêmicas e o vínculo com os programas de pós-graduação, demonstram que esses grupos de pesquisa são reflexos, também, das avaliações institucionais terem como requisito a inserção da pesquisa no cotidiano estudantil, o aumento dos cursos de graduação e pós-graduação no país, a produção científica e seu crescimento exponencial, uma vez que serve de parâmetro, também, de avaliação dos cursos e sua continuidade.

Cabe assim aplaudir as Universidades que ultimamente vêm buscando oferecer condições objetivas para a instauração de uma tradição de pesquisa, seja mediante alguma forma mais sistemática de efetivo apoio à formação pósgraduada de seus docentes em outras instituições, seja mediante a criação de instâncias internas de incentivo, planejamento e coordenação da pesquisa, seja mediante a implantação de

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

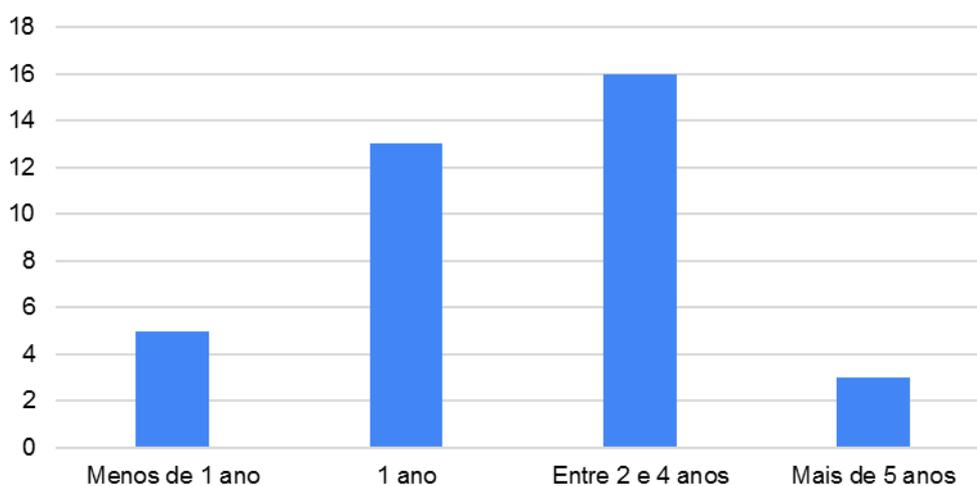
www.conedu.com.br

cursos de pós-graduação stricto sensu e de Programas de Iniciação Científica, seja ainda tornando exigência curricular a atividade de elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso. (SEVERINO, 2007, p. 28).

Em relação à pergunta referente à escrita acadêmica, apenas 22% não perceberam evolução na sua escrita. Os demais 78% dos sujeitos afirmaram que a mesma melhorou após a inserção no grupo de pesquisa. Esses dados demonstram que as discussões e leituras propostas nos grupo de pesquisa contribuem para o aperfeiçoamento da escrita acadêmica.

O tempo de participação dos estudantes de pós-graduação nos grupos de pesquisa nos levou a refletir que, conforme o gráfico 02:

Gráfico 02 – Tempo de participação no Grupo de Pesquisa



Fonte: Elaborado pelas autoras (2019)

Pelas respostas mostradas no gráfico sobre “tempo de participação no Grupo de Pesquisa” pode gerar a falsa impressão que os sujeitos, praticamente, permanecem nos GP o tempo necessário para concluir o Mestrado. No entanto, sabemos que esses resultados podem não ser generalizados. Muitos pesquisadores ao finalizarem seus trabalhos continuam participando e contribuindo com o GP. O fato de termos aplicado esse questionário a alunos recém admitidos em uma Pós-graduação *Strictu Sensu* pode ser o motivo dessa tabulação. Algo que corrobora com este pensamento é que estes mesmos sujeitos, no questionamento relativo aos motivos que os levaram a ingressar e permanecer no grupo de pesquisa, afirmam ser importante estar em um grupo de pesquisa para construção e produção do conhecimento colaborativamente, ampliar o conhecimento através de estudo constante, produzir colaborativamente textos acadêmicos e trocar diferentes experiências.

Referente às atividades mais realizadas no grupo de pesquisa, a maioria dos estudantes citaram a publicação de artigos, organização de eventos e discussão de textos, livros e

periódicos. Sabemos que ao entrarmos em um GP, um dos pré-requisitos para a constituição de um GP e a produção intelectual. Além disso,

a formação e consolidação de grupos de pesquisa têm sido uma das diretrizes das políticas das IES que tem se constituído como espaço formativo de construção de conhecimento que, ao longo do tempo, transformam-se em núcleos de excelência tanto para a IES quanto para a própria sociedade. As atividades desenvolvidas em equipe são essenciais e propiciam a troca de experiências entre os envolvidos (ROSSIT *et al.*, 2018, p. 1513).

No que diz respeito às mudanças que o grupo de pesquisa trouxe para a vida dos estudantes, as respostas foram as mais variadas, no entanto, em quase todas se percebe que a visão, para os sujeitos, do que é ser um pesquisador em um ambiente acadêmico foi ampliada com sua inserção em um grupo de pesquisa. Conforme algumas narrativas abaixo dos respondentes, apreende-se o grupo de pesquisa como um espaço indutor de redes colaborativas no processo de produção de conhecimento e comunicação científica

Busca por crescimento intelectual. Produzir com maior embasamento teórico. Acredito mais no meu potencial acadêmico. (S2)

A interlocução com membros do grupo me deu mais segurança para escrever a metodologia da minha pesquisa. A interlocução com os membros do grupo ampliou minha percepção sobre educação e sobre possibilidades de atuação na educação básica. (S8)

Entendimento da importância da pesquisa voltada para Educação Básica. (S6)

Sentimento de pertença e aprendi a tolerar, ouvir, mediar e me resignar. (S4)

Esses relatos demonstram a relevância destas experiências no que tange à atividade acadêmica, espaço de aprendizagem compartilhada e prática colaborativa, compartilhamento de experiências, troca de saberes, colaboração em projetos coletivos de pesquisa; aprendizagem do trabalho em equipe e transformação das práticas profissionais.

Assim, ao assumir educação como prática social e formação como processo dialético e historicamente construído na intersubjetividade, delineia-se a potência dos grupos como locus de troca, de reflexão e transformação das próprias práticas na convivência e construção de relações interprofissionais e interdisciplinares, como espaço de aprendizagem, investigação e desenvolvimento de um pensamento reflexivo acerca das *práxis* dos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção da pesquisa em educação no Brasil, no que tange à instância da Pós-Graduação *Stricto Sensu*, apesar de recente, vem influenciando, de forma positiva, no modo de produção do conhecimento nos ambientes educacionais. A maneira como docentes e discente se entrelaçam na concepção do conhecimento é tão complexa que é inviável

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

pensarmos na construção ou produção do conhecimento de maneira individualizada, e neste sentido, a criação de grupos de pesquisas – por parte de universidades e demais Instituições de Ensino – se fazem necessárias para a geração e produção do conhecimento de forma colaborativa.

Na colaboração ativa, está a gênese da inteligência coletiva em que cada participante transforma-se em imigrante da subjetividade, desenvolvendo habilidades para lidar com a imprevisibilidade, buscando laços sociais nos diferentes tempos e espaços de saberes, através da mobilização ética e cooperativa (HETKOWSKI, 2005, p. 10).

O grupo de pesquisa, ainda mais na conjectura política em que nos encontramos atualmente, é uma ferramenta relevante na formação acadêmica dos estudantes de pós-graduação *strictu sensu*, visto que reúne diferentes pessoas para debaterem temas de interesse comum, aumentando assim os níveis de conhecimento através do estudo e discussões de textos, livros e periódicos.

Os resultados da análise do questionário valida a importância do Grupo de Pesquisa como agregador na trajetória acadêmica dos sujeitos que dela participam, configurando-se como um espaço de construção, aprimoramento e desenvolvimento de competências acadêmicas salutares a um estudante/pesquisador.

Afinal, participar de um grupo de pesquisa pode ser o diferencial para estudantes que desejam e se interessam por uma melhor investigação científica, pois somar conhecimentos e trocar experiências, entre sujeitos partícipes de um grupo de pesquisa, promove a autonomia e a transformação da realidade em que estão inseridos.

De modo geral, a educação pode ser mesmo conceituada como o processo mediante o qual o conhecimento se produz, se reproduz, se conversa, se sistematiza, se organiza, se transmite e se universaliza, disseminando seus resultados no seio da sociedade. Onde, cada vez mais, os pesquisadores são incentivados, a produzir e a publicar trabalhos, sendo a colaboração científica um meio capaz de aumentar a produtividade, e os GP, uma alternativa de agrupamento entre esses autores, onde se tem o mesmo objetivo científico.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. **Desafios da pós-graduação e da pesquisa sobre formação de professores.** Educação & Linguagem, São Bernardo do Campo, v. 10, n. 15, p. 43-59, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1043/el.v10n15p43-59>. Acesso em: 24 ago 2019.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Portaria 17 de 28 de dezembro de 2009. Dispõe sobre o mestrado profissional no âmbito da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.** Diário Oficial da União, Brasília, seção 1, nº 248, p. 20, 29 de dez. 2009. Disponível em:

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

<http://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/PortariaNormativa_17MP.pdf>
. Acessado em 10 mai. 2019.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPq). **Diretório de Grupos de Pesquisa**. Disponível em: Acesso em: 13 ago. 2018.

FARIAS, G.F.; ANTUNES, H.S. **A constituição de grupos de pesquisa e a figura feminina: a trajetória do grupo de estudos e pesquisa sobre formação inicial, continuada e alfabetização (GEPFICA) no cenário social**. Travessia. 2009; 3(3):1-19.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3 ed. Porto Alegre: Artemed, 2009.

GATTI, B. A. **A construção da Pesquisa em Educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, v1, 2002.

HETKOWSKI, T. M. **Mestrados Profissionais Educação: Políticas de implantação e desafios às perspectivas metodológicas**. Revista Multidisciplinar - UNEB. v. 1, n. 1, p. 1029, jan./abr. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.uneb.br/index.php/plurais/article/view/2299>>. Acessado em: 27 jun. 2019.

_____. **Prática Instituinte e Aprendizagem Colaborativa**. In: Encontro Nacional sobre Hipertexto: desafios Linguísticos, Literários e Pedagógicos, 2005, Recife. Hipertexto 2005 – UPFE.

MAXIMINO, V.; LIBERMAN, F. **Grupos e terapia ocupacional: formação, pesquisa e ações**. São Paulo: Summus Editorial; 2015

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PERUCCHI, V.; GARCIA, J. C. R. **Indicadores de produção dos grupos de pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação – RBBD, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 50-64, jan./jul. 2012. Disponível em: . . . Acesso em: 13 ago. 2018

ROSSIT, R. A. S. et al. **Grupo de pesquisa como espaço de aprendizagem em/sobre Educação Interprofissional (EIP): narrativas em foco**. Interface (Botucatu). 2018; 22(Supl. 2):1511-23.

SEVERINO, A. J. **Ensino e pesquisa na docência universitária: caminhos para integração**. São Paulo: USP, 2008.

_____. **Teoria e prática científica**. In: _____. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 99-126.

_____. **Universidade, ciência e formação acadêmica**. In: _____. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 21-36

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2013.